

Considerações Finais

Ao concluir esta dissertação, chego ao terceiro dos três tempos lógicos enunciados por Lacan¹. O “instante de ver” foi precipitado por muitas questões suscitadas, ao deparar-me inicialmente com a teoria psicanalítica de Freud. Nesta, a conceituação metapsicológica da fantasia não se apresenta de forma sistemática, já que foi sendo construída par e passo com o avanço do desenvolvimento teórico, e a cada mudança significativa, novas facetas da fantasia iam sendo desdobradas. Às suas diversas facetas, como não poderia deixar de ser, implicaram em transformações importantes na clínica.

O tempo para compreender foi possibilitado pelo rastreamento, nas obras de Freud e Lacan, das definições e empregos da noção de fantasia, visando esclarecer alguns impasses encontrados no tocante ao tema.

O presente momento indica a necessidade de um fim, um ponto de basta, que de forma alguma, tem a pretensão de ter esgotado o assunto. Parafraseando Lacan, “*é o momento de concluir o tempo para compreender*”². Algumas questões foram esclarecidas aqui, de acordo com uma leitura particular, sem dúvida, influenciada pelo caminho percorrido, em minha análise, nos últimos anos de minha vida. Muitas questões, certamente, restam para serem móveis de pesquisas futuras.

Pesquisando a fantasia no pensamento freudiano, pudemos evidenciar basicamente, duas dimensões distintas ao longo da teoria: primeiramente uma dimensão representacional, onde a fantasia estaria articulada à sexualidade infantil, à realização de desejo, ao princípio do prazer e ao recalque. Tanto nos devaneios conscientes, quanto nas fantasias recalçadas que subjazem aos sintomas, sob esta ótica inicial, as fantasias, à semelhança das formações do inconsciente, das quais são parte integrante, seriam passíveis de interpretação.

Posteriormente, uma outra dimensão foi ganhando lugar na teoria, a partir da evidência de alguns fenômenos percebidos em sua clínica, e que é correlata à

¹ LACAN, J., “*O Tempo Lógico E A Asserção Da Certeza Antecipada – Um Novo Sofisma*” (1945), in *Escritos*, Jorge Zahar Ed., 1998, Rio de Janeiro, p.197.

grande virada que culminou no texto *Além do princípio do prazer*. Ao abordar as fantasias originárias em 1917, e especialmente a fantasia de espancamento, em 1919, Freud enfatizou a prevalência do masoquismo pulsional.

No artigo paradigmático, “Bate-se Numa Criança”, Freud destacou esse tipo de fantasia especial, inconsciente, que resta como um resíduo irreduzível da castração edípica, sempre presente em todos os sujeitos, e que permanece à parte da estrutura da neurose, independente do trabalho realizado com relação aos sintomas.

A fantasia, neste caso, não seria mais um recurso psíquico compensador à intransigência da realidade insatisfatória perante o sujeito humano. Analisada com base nesta outra vertente, a fantasia mantém com a realidade um outro tipo de relação, que não é de adequação ou interdependência, mas, de organização psíquica dessa realidade, quer fixada no sintoma ou desdobrada no modo de agir.

A partir deste ponto da teorização, Freud propõe, para o caso específico deste tipo de fantasia, que jamais poderá se tornar consciente, a necessidade de um trabalho de construção, que deve ser realizado em análise.

Lacan, por sua vez, partindo da releitura desta última abordagem da fantasia, na teoria freudiana, avançou no seu estudo, construindo uma escritura própria para esta estrutura psíquica: a fantasia fundamental - \$ ◇ a -. Para este autor, a fantasia fundamental é o meio com que o sujeito falante lida com o desejo do Outro. A fantasia fundamental se impõe como uma forma de estruturar a realidade e de montar uma barreira à alienação a este desejo, assim como condição de gozo. Apesar de escapar à consciência, sempre está presente no cotidiano de todo sujeito, sem que, no entanto, dela se possa falar.

Lacan segue no sentido de examinar os diferentes modos, sob os quais a fantasia fundamental pode se manifestar, tanto na neurose quanto na perversão.

Finalmente, o autor articulou a fantasia com o final de análise, caracterizando este final por sua “travessia”, em vez do alívio dos sintomas. Conseqüentemente, isto implica em mudanças significativas, tanto na posição ocupada pelo analista, diante do analisando, como na própria condução do tratamento.

² Op. Cit., p. 206.

O sujeito humano jamais poderá curar-se de sua divisão e isso traz determinadas conseqüências: o mal – estar da vida é insuperável e os sintomas psíquicos e inibições jamais serão totalmente eliminados, já que é a própria divisão que os produz. Os impasses imaginários são contornáveis pelo simbólico, embora um resto deles sempre permaneça. A angústia estará sempre presente, e uma certa dose de angústia pode ser um estímulo que coloque o sujeito em movimento, na direção de seus desejos.

À luz do ensino de Lacan, o “objeto a” não é o objeto do desejo, mas sim “causa de desejo”. Este será o lugar destinado ao analista. O processo analítico reconduz o sujeito à pulsão e não mais à demanda, levando o sujeito a saber que “não deve esperar a ajuda de mais ninguém”³.

A “travessia da fantasia”, em suma, seria a possibilidade de transformar a relação do sujeito, com essa significação axiomática absoluta.

Esta “travessia” possibilita a passagem de $\$ \diamond a$ para $a \rightarrow \$$, de forma que, ainda que sejam mantidos os elementos que compõem esta estrutura, eles estarão totalmente modificados, por ocuparem outros lugares. O $a \rightarrow \$$ expressa a castração, na medida que introduz a falta, a impossibilidade, coincidindo, portanto, com o que caracteriza o discurso do analista para a teoria lacaniana. Este discurso é o único que permite o acesso ao real. Da impotência neurótica chega-se à impossibilidade lógica, que, entretanto, nos precipita a lidar de um outro modo com nosso sofrimento.

O sintoma psíquico no final de análise, ao contrário do que se acredita, nunca falta. O mal de que o sujeito sofria, no início do processo analítico, é certamente reduzido no fim, já que o sujeito que atravessou este caminho termina por consentir na sua incurabilidade, estando, porém, avisado disso. Como diz Lacan, “A psicanálise é uma prática delirante mas é o melhor que temos atualmente para conseguir ter alguma paciência com esta situação incômoda de ser homem.”⁴

Não é pessimista esta perspectiva, segundo as palavras do Pai da Psicanálise, com as quais encerro este trabalho:

³ LACAN, J., O Seminário-livro 7: *A Ética da Psicanálise* (1959 - 1960), cap. XXIII: “As Metas Morais da Psicanálise”, p. 364.

⁴ LACAN, J., “Apertura De La Seccion Clínica” (1977) in *La Clínica Psicoanalítica*, p.21.

O neurótico realmente curado tornou-se outro homem, embora, no fundo, naturalmente permaneceu o mesmo; ou seja, tornou-se o que se teria tornado na melhor das hipóteses, sob as condições mais favoráveis. Isso, porém, já é muita coisa. Se os senhores passarem a ouvir atentamente tudo que deve ser feito e que esforços são necessários para levar a cabo essa mudança aparentemente banal na vida mental de um homem, sem dúvida começarão a perceber a importância dessa diferença em níveis psíquicos.⁵

⁵ FREUD, S., “A Transferência”, Conferência XXVII in *Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise*, p. 508.